

SER SOCIAL E [DES]HUMANIZAÇÃO DO HOMEM: UM ESTUDO PRELIMINAR SOBRE AS BASES ONTOLÓGICAS DA PSICOLOGIA DE LEONTIEV

Bruno Alysso Soares Rodrigues¹

RESUMO

No intuito de apresentar as intrínsecas relações entre o fundamento ontológico do pensamento e da atividade humana e o processo de hominização e humanização do homem, expomos, neste trabalho, a centralidade da categoria trabalho em Marx como pressuposto basilar – e ontológico, portanto – para compreender a constituição do ser social e conseqüentemente o desenvolvimento do psiquismo genuinamente humano – eliminando, desta forma, todas as possibilidades de pressupormos uma essência humana egoísta, possuidora de características e categorias/estruturas psíquicas *a priori* constituídas – eliminando, pois, qualquer tese que afirme a precedência ontológica da essência humana perante a totalidade social, isto é, que o homem seria possuidor de categorias eternas e imutáveis. Sendo o trabalho a categoria fundante do ser social (LUKÁCS, 1979; LESSA, 1996; 2001; 2002; 2007; 2011a; 2011b; TONET, 2002; 2005; DUARTE, 2000; 2001) e a ontologia do ser social – iniciada por Marx e recuperada por Lukács – a *condition sine qua non* para a análise e compreensão de como o homem se torna, de fato, homem, este estudo preliminar tem por objetivo fornecer pressupostos onto-históricos ao entendimento do processo de inversão da regência das leis biológicas para as leis sócio históricas na consecução da processualidade da história humana (GONÇALVES et alii, 2012) de um ser que é radicalmente histórico e social.

Palavras-chave: Ontologia. Ser social. Trabalho.

MAN AND THE [NON]HUMANIZATION PROCESS: A PRELIMINARY STUDY OF THE ONTOLOGICAL BASES OF LEONTIEV'S PSYCHOLOGY

ABSTRACT

In order to present the intrinsic relationship between the ontological foundation of thought and human activity and the process of humanization of man, we expose, in this work, the centrality of the *arbeit* [work] category in Marx, as a basic assumption to understand the constitution of social being and consequently the development of a genuinely human psyche - thereby removing all possibilities that presuppose a selfish human essence, possessing characteristics and categories/psychic structures consisting *a priori* – eliminating therefore any argument claiming precedence over the ontological essence of the human in face of social totality, that is, that man would be the possessor of an eternal and immutable essence. The *arbeit* [work] is a founding category of social being (LUKÁCS, 1979; LESSA, 1996; 2001; 2002; 2007; 2011a, 2011b; TONET, 2002; 2005; DUARTE, 2000; 2001) and the ontology of social being – initiated by Marx and recovered by Lukacs – is the *condition sine qua non* for the analysis and understanding of how man becomes, in fact, man. Thus, this preliminary study aims to provide the onto-historical understanding of the process of reversing the regency of biological laws for historical laws in achieving processuality of human history (GONÇALVES et al, 2012) of a man that is radically historical and social.

Keywords: Ontology. Man. Labour.

¹ Graduando do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: bruno.alysso@aluno.uece.br

Bases ontológicas da psicologia de Leontiev²: Um estudo preliminar sobre a inversão da regência das leis biológicas para as leis sócio-históricas do ser social

"Entregou-se tanto ao vício da luxúria que em sua lei tornou lícito aquilo que desse prazer, para cancelar a censura que merecia."
Dante Alighieri (1265-1321)

A Divina Comédia, Parte I, Inferno

Pressupomos o homem como um ser que se torna homem – humano, portanto – , não nasce humanizado – o homem é, então, o resultado de um processo de hominização e humanização em sua processualidade histórica. O homem não possui características e categorias/estruturas psíquicas *a priori* constituídas, o desenvolvimento do psiquismo humano ocorre na medida em que o homem se apropria das objetivações genéricas nas esferas cotidianas e não-cotidianas de sua vida, tendo sempre em vista que tanto a esfera do *para-si* quanto do *em-si* são constituídas a partir da cotidianidade, de sua singularidade que se constitui no devir histórico humano. Neste preciso sentido, o homem é um ser “**qualitativamente diferente dos animais**” (LEONTIEV, 2004, p. 261, grifos nossos), ontologicamente distintos dos animais, para ficarmos com os termos de Lukács.

Isto posto, sigamos.

Martins (2012, p. 1, grifos nossos), assevera que:

Tomando o trabalho – atividade vital humana – , como gênese do psiquismo complexo, Vigotski, Luria e Leontiev conferiram novos rumos às investigações psicológicas, tendo em vista a elaboração de uma teoria que superasse as inúmeras vertentes psicológicas que, grosso modo: **a) desgarram o desenvolvimento psíquico de suas bases concretas, isto é, sociais e históricas; b) pressupõem a formação das estruturas psíquicas complexas como consequência natural do desenvolvimento de estruturas simples; c) preterem a existência dos fenômenos psicológicos em suas intervinculações e interdependências priorizando análises por decomposição; d) identificam o desenvolvimento psíquico com a maturação de suas bases orgânicas.**

² A dedicação de Vigotski e de demais psicólogos a ele vinculados, a exemplo de Leontiev e Luria, aos estudos dos aspectos que realmente diferenciam os psiquismos humano e dos demais animais colocou no cerne da questão o desenvolvimento de propriedades cuja formação subjugam-se à apropriação da cultura. Consideramos também que, não por acaso, Vigotski, juntamente com Leontiev e Luria, defenderam que o estudo do desenvolvimento social do psiquismo humano fosse o verdadeiro objeto da psicologia científica (MARTINS, 2011, p. 8).

Neste preciso sentido, concordamos com Gonçalves et al (2012, p. 68, grifos nossos), quando as autoras assim se posicionam sobre o fato de Leontiev ser radicalmente contra as tentativas de compreensão de mundo burguesas pós-1848 de explicar as diferenças entre os homens a partir de concepções biologizantes e divinas³:

[...] Leontiev, em seu texto “O Homem e a Cultura”, **opõe-se de maneira nítida** tanto a considerações centradas na origem espiritual, divina do homem quanto a teses por ele denominadas pseudobiológicas, utilizadas de forma reacionária e racista para explicar diferenças entre os homens, quando, de fato **a raiz de tais diferenças é engendrada a partir da exploração do homem pelo homem, da divisão social do trabalho**, do trabalho não como atividade potencializadora das atividades humanas, mas como reprodutora das sociedades de classes em seu metabolismo. Leontiev nega aquelas considerações afirmando que se assim procedesse estaria fora da ciência.⁴

No texto⁵ de Leontiev acima citado encontramos um pressuposto basilar e de salutar importância para a compreensão de sua psicologia, qual seja, o fato de que o desenvolvimento do psiquismo humano é, de fato, histórico. Dito de outro modo, o homem se torna homem, se torna humanizado, é um ser radicalmente histórico e social.

Tal discussão⁶ é deveras importante, mormente ao fato de que o homem tem sido apresentado – sob as concepções de mundo reacionárias – a partir de perspectivas que naturalizam o desenvolvimento de seu psiquismo, **“a relação do indivíduo com a sociedade é uma relação praticamente inexistente [...]”** (BOCK, 1999 apud BOCK, 2004, p. 27, grifos nossos), isto é, o desenvolvimento do psiquismo humano tem sido concebido como estratégia de manipulação ideológica

³ [...] Vigotski defendeu de forma categórica a formulação de uma psicologia geral em sua investigação *O significado histórico da crise da psicologia: uma investigação metodológica* (1997). Nessa obra, analisou profundamente os limites da psicologia ao centrar-se em dimensões parciais do psiquismo humano, dado que culminou na formulação de inúmeros sistemas teóricos desprovidos de unidade ou princípios explicativos gerais. (MARTINS, 2011, p. 11-12)

⁴ **Não concederemos qualquer atenção** às que partem da ideia de uma origem espiritual, divina do homem, que constituiria a sua essência particular: **admitir uma tal teoria é colocarmo-nos fora da ciência.** (LEONTIEV, 1978, p. 261, grifos nossos)

⁵ Escrito originalmente em língua russa datada de 1959, traduzido e publicado em língua portuguesa anterior ao acordo ortográfico em Portugal datado de 1978 em Lisboa por edições Horizonte.

⁶ **O essencial das discussões científicas incidiu antes sobre o papel dos caracteres e das dificuldades biológicas inatas do homem.** Uma grosseira exageração do seu papel serviu de fundamento teórico às teses pseudobiológicas mais reacionárias e mais racistas. (LEONTIEV, 1978, p. 261, grifos nossos)

no sentido de perpetuar a desigualdade entre os homens – que seria natural segundo tal perspectiva.

Dizendo em outras palavras, não se tem uma compreensão de relações de um homem que compartilha e se apropria de elementos historicamente produzidos pelos homens em coletividade – seja no âmbito das objetivações genéricas *em-si*, seja no âmbito das objetivações genéricas *para-si* – “não são [...] relações situadas no tempo histórico, em condições determinadas de vida, permeadas de significações e linguagens específicas, com condições concretas de trabalho e formas de produção da sobrevivência” (Idem).

Ainda em Bock (1999) apud Bock, (2004, p. 2, grifos nossos), temos que:

O homem, colocado na visão liberal, é pensado de forma descontextualizada, cabendo a ele a responsabilidade por seu crescimento e por sua psicologia. Um homem que “puxa pelos seus cabelos e sai do pântano por um esforço próprio”. **Um homem que é dotado de capacidades e possibilidades que lhe são inerentes, naturais. Um homem dotado de uma natureza humana que lhe garante, se desenvolvida adequadamente, ricas e variadas possibilidades.** A sociedade é apenas o lócus de desenvolvimento do homem. **É vista como algo que contribui ou impede o desenvolvimento dos aspectos naturais do homem.** Cabe a cada um o esforço necessário para que a sociedade seja um espaço de incentivo ao seu desenvolvimento. As condições estão dadas, cabe a cada um aproveitá-las.

Em Leontiev – ao contrário das concepções de mundo pós-48 – o desenvolvimento do psiquismo é social e historicamente mediado, desse modo, os complexos culturais incidem diretamente na formação das funções psíquicas superiores. O desenvolvimento do psiquismo é social e historicamente mediado, desse modo os complexos culturais incidem diretamente na formação das funções psíquicas superiores.

Neste sentido, concordamos com Melo et al (2011, p. 2, grifos nossos), quando assim se posicionam quanto à hominização e humanização do homem:

A hominização e a humanização contribuíram para o surgimento do trabalho, uma vez que aquela representa a evolução biológica e esta representa o desenvolvimento histórico, principalmente por meio da cultura. A hominização tornou o homem apto a realizar diversas funções devido às mudanças anatômicas; já a humanização, transformou “mentalmente”, sociologicamente, esse novo homem, que passou a ter no trabalho sua maior identidade. **Leontiev (2004) define o homem como ser social, o qual se constrói humano a partir de sua vida em sociedade e que tem como base de sua hominização o trabalho, diferindo dos animais por ter seu desenvolvimento regido, não por leis biológicas, mas por leis sócio históricas.** Filogeneticamente a hominização e a humanização tem trajetórias distintas, uma vez que pelo desenvolvimento biológico observamos a evolução do homem à espécie homo sapiens, já o desenvolvimento histórico o qual surge a partir do desenvolvimento

biológico culmina com o surgimento do ser social, possibilitando por meio do trabalho, o surgimento da sociedade, dos complexos sociais em resposta as necessidades humanas. **Na ontogênese ocorre a apropriação da cultura advinda de gerações precedentes, possibilitando ao homem a apropriação do conhecimento historicamente acumulado pela humanidade.**

É somente a partir do trabalho que o homem pode realizar o salto ontológico para libertar-se das amarras que o prendiam aos insondáveis desígnios do devir das leis biológicas – vale dizer, da esfera orgânica. Dito de outro modo, os sentimentos, as ações, as habilidades e as características humanas historicamente acumuladas não estão previstas no código genético, impedindo, desta forma, qualquer concepção que naturalize estruturas e características psíquicas *a priori* constituídas.

Tais características historicamente acumuladas e produzidas pelos homens em coletividade somente podem ser repassadas a partir da apropriação, pelas gerações futuras, da cultura intelectual acumulada no devir histórico dos homens. Esta forma de apropriação da cultura acumulada é essencialmente, radicalmente e necessariamente humana, é “uma forma absolutamente particular, forma que só aparece com a sociedade humana: a dos fenômenos externos de uma cultura intelectual” (LEONTIEV, 1978).

Leontiev (2004, p. 280, grifos nossos), assevera que:

No século passado, pouco após o aparecimento do livro de Darwin, *A Origem das Espécies*, Engels, sustentando a ideia de uma origem animal do homem, mostrava ao mesmo tempo que **o homem é profundamente distinto dos seus antepassados animais** e que a hominização resultou da passagem à vida numa sociedade organizada na base do trabalho; que **esta passagem modificou a sua natureza e marcou o início de um desenvolvimento que, diferentemente do desenvolvimento dos animais, estava e está submetido não à leis biológicas, mas a leis sócio históricas.**

Isto acontece porque os homens, ao modificarem a natureza, também se modificam. Ao criarem objetos, que nada mais são que produtos do trabalho, para satisfazerem suas necessidades, estes homens iniciam um processo de desenvolvimento das forças produtivas, um processo que jamais poderia acontecer sob a regências de leis biológicas.

Um machado, por mais rudimentar e primitivo que seja, jamais poderia ser produzido pela natureza, por mais que triplicassem e quadruplicassem todo o tempo da história do universo inteiro – que o tempo de constituição das galáxias – um

machado – síntese entre a teleologia e causalidade – jamais seria produzido pela natureza.

Melo et al (2011, p. 3, grifos nossos), citando Lessa & Tonet, afirmam que:

[...] o trabalho, entendido como atividade vital consciente, é o princípio fundador da nova gradação ontológica na história, o ser social. Apesar de possuir um complexo físico, fundamental para a sua existência, o ser humano age teleologicamente sobre as causalidades dadas pela natureza, procurando transformá-la em causalidade posta. **Essa determinação por si só, pode diferenciar o trabalho – atividade vital humana do trabalho dos demais animais, pois aquele, tem um fim previamente idealizado na consciência, enquanto estes agem pelo instinto, biologicamente, meramente para suprir as necessidades imediatas de sobrevivência e reprodução da espécie.** O trabalho, então, é o princípio fundador do homem, enquanto ser social, sendo, portanto, o que nos torna humanos.

Desta forma, para que os homens ponham em movimento as leis sócio históricas, faz-se necessário apropriação do patrimônio acumulado e produzido historicamente pelos homens em coletividade, faz-se necessário, outrossim, que cada indivíduo desenvolva os traços do que de mais evoluído existe em termos de conhecimento científico, filosófico e cultural acumulados até então pela história dos homens de seu tempo, pois todas as habilidades e aptidões humanas foram adquiridas “no decurso da vida por um processo de apropriação da cultura criada pelas gerações precedentes” (LEONTIEV, 1978, p. 267). Destarte, “cada indivíduo aprende a ser um homem. O que a natureza lhe dá quando nasce não lhe basta para viver em sociedade. É-lhe ainda preciso adquirir o que foi alcançado no decurso do desenvolvimento histórico da sociedade humana. (Idem)

Leontiev (1978, p. 266, grifos nossos), nos fornece maiores esclarecimentos quando afirma que, ao nascer, cada indivíduo encontra um:

[...] mundo de objetos e de fenômenos criado pelas gerações precedentes. Ela apropria-se das riquezas desse mundo participando no trabalho, na produção e nas diversas formas de atividade social e desenvolvendo assim as aptidões especificamente humanas que se cristalizaram, encarnaram nesse mundo.

São, portanto, os homens os fatores de sua própria história, o homem é o demiurgo de seus desígnios. São os homens os responsáveis pela construção de sua substancialidade subjetiva, “são eles que, ao atuarem novamente sobre o mundo para transformá-lo, internalizam as habilidades ali deixadas pelas gerações precedentes (BOCK, 2004, p. 30). Dito de outro modo, são os homens, a partir de

sua atividade de transformar a natureza, os únicos responsáveis pela reprodução dos traços de atividade encarnada e acumulada no objeto produzido a partir do intercambio orgânico com a natureza. Este processo não é, jamais, natural, não segue leis biológicas.

Gonçalves et alii (2012, p. 69), asseveram que:

Para discutir a dominância das leis sócio históricas na constituição do ser dos homens, Leontiev ressalta aspectos significativos da evolução humana, atentando para o papel do trabalho como complexo que funda o homem. O autor reconhece o longo processo que compreende a processualidade humana, estabelecendo para a compreensão de suas teses, três grandes estágios. Historicamente posto entre o período terciário e o início do quaternário, o primeiro estágio serve à preparação biológica do homem, tendo como representante os *australopithecus*, animais que utilizavam utensílios rudimentares, ainda não trabalhados, conheciam a posição vertical, e levavam uma vida gregária. A comunicação entre os *australopithecus* segue os demais processos, quer dizer, em forma embrionária, pois ainda não estava articulada à linguagem. Como assinala Leontiev (2004, p. 280), “é verossímil que possuíssem meios extremamente primitivos para se comunicar”.

Desta forma, temos que o homem jamais nasce dotado de aquisições históricas – na esfera da ontogenia – , não detém, por ato de nascimento, o legado acumulado historicamente pela cultura humana, isto porque o homem só reproduz traços de cultura acumulada quando apropria-se das objetivações genéricas *em-si* e *para-si*, e é “apropriando-se delas que no decurso da sua vida ele **adquire propriedades e faculdades verdadeiramente humanas**. Este processo coloca-o, por assim dizer, aos ombros das gerações anteriores e eleva-o muito acima do mundo animal”, como recuperam MELO et al, 2011, p. 3), citando Leontiev.

Sobre o segundo estágio em Leontiev, Gonçalves et al (2012, p. 70) afirmam que:

O segundo estágio vai desde o aparecimento do pitecantropo até o período condizente ao homem de *Neanderthal*. Digno de nota, este estágio, designado pelo autor como “a passagem ao homem”, representa um marco no processo de formação humana, pois nele registra-se o início da fabricação de instrumentos e as primeiras formas de trabalho e sociedade, ainda que rudimentares. Submetida às leis biológicas, a formação do homem sofria alterações anatômicas as quais eram transmitidas pela hereditariedade. Vale ressaltar a relação entre consciência e hominização destacada por Leontiev (2004, p. 76), a partir dos estudos de Engels: “[...] o trabalho, escreve Engels, criou o próprio homem”. Ele criou também a consciência do homem.

Comenta Leontiev (2004) que o segundo estágio é marcado pela fabricação de instrumentos e pelas primeiras formas, ainda que meramente

embrionárias, de trabalho e de sociedade. Assevera Leontiev (2004, p. 280), que “a formação do homem estava ainda submetida, nesse estágio, às leis biológicas, quer dizer que ela continuava a traduzir-se por alterações anatômicas, transmitidas de geração em geração pela hereditariedade”.

Assim sendo, ainda no segundo estágio, elementos novos apareciam no desenvolvimento do homem. A comunicação e a linguagem apareciam de forma rudimentar e primitiva a partir das sucessivas experiências do trabalho. Tais experiências suscitavam “modificações da constituição anatômica do homem, do ser cérebro, dos seus órgãos dos sentidos⁷, da sua mão e dos órgãos de linguagem; em resumo, o seu desenvolvimento biológico tornava-se dependente do desenvolvimento da produção” (LEONTIEV, 2004, p. 280).

Leontiev (2004, p. 280-281, grifos nossos e itálicos do autor), sobre o terceiro estágio, comenta que:

[...] Na realidade, a formação do homem passa ainda por um terceiro estágio, onde **o papel respectivo do biológico e do social na natureza do homem sofreu uma nova mudança**. É o estágio do aparecimento do tipo do homem atual – o *Homo sapiens*. Ele constitui a etapa essencial, a viragem. **É o momento, com efeito, que a evolução do homem se liberta totalmente da sua dependência inicial para com as mudanças biológicas inevitavelmente lentas, que se transmitem por hereditariedade**. Apenas as leis sócio históricas regerão doravante a evolução do homem. O antropólogo soviético I. I. Roguinsk descreve assim esta viragem: “Do outro lado da fronteira, isto é, no homem em vias de se formar, a atividade do trabalho estava estreitamente ligada à evolução morfológica. Deste lado da fronteira, isto é, no homem atual “acabado”, a atividade do trabalho não tem qualquer relação com a progressão morfológica”.

Neste preciso sentido, os novos elementos eram incorporados e acrescidos aos elementos já existentes, reiterando o papel do trabalho e da comunicação pela linguagem na constituição do ser social e do desenvolvimento do psiquismo genuinamente humano (GONÇALVES et al, 2012), mostrando que todo o aparato biológico sofria também influência da produção humana. Destarte, para produzir, os homens necessitavam conhecer o real e “foi exatamente a necessidade de melhor captar e dominar a realidade que determinou a estruturação do psiquismo

⁷ Compreendemos, portanto, que é pelo trabalho que o processo de humanização e aperfeiçoamento dos sentidos se desenvolve e é estabelecido. Para Lukács (1979, p. 87), “[...] o trabalho é antes de mais nada, em termos genéticos, o ponto de partida da humanização do homem, do refinamento das suas faculdades, processo do qual não se deve esquecer o domínio sobre si mesmo”. Os sentidos humanos tiveram de se humanizar através da atividade. Nas palavras de Vázquez (1968, p. 83), “[...] os sentidos deixam de ser meramente naturais, biológicos, para se tornarem humanos”. (ARAÚJO e COSTA, 2011, p. 6).

como amálgama dos processos requeridos à **formação da imagem subjetiva da realidade objetiva**” (MARTINS, 2012, p. 1-2, grifos nossos). Dito de outro modo, “a atividade que localiza o ser na realidade objetiva, ao mesmo tempo, a transforma em realidade subjetiva, em **‘reflexo psíquico da realidade’**” (LEONTIEV, 1978, p. 19 grifos nossos).

Araújo e Santos (2011, p. 8, grifos nossos), pontuam algo importante. Qual seja, o fato de que:

A consciência é um produto social e continuará sendo enquanto existir humanidade. Portanto, **através da atividade complexa submetida à transformação do natural e às relações sociais é que se dá a base do reflexo da realidade** – a própria consciência do homem. Lessa (1997, p. 5), em diálogo com Lukács, afirma que **o reflexo é uma “[...] forma especificamente social da ativa apropriação do real pela consciência”**. Dessa maneira, a categoria do reflexo é impossibilitada de ser classificada como mera cópia do real pela subjetividade, classificando-a, então, como uma autêntica obtenção do real através da consciência.

Concordamos com os mesmos autores, quando postulam que:

Ato fundante do ser social, o trabalho, foi se constituindo como elemento articulador e fundamental no processo de produção e uso de novos instrumentos e signos, proporcionando novas capacidades humanas e um desenvolvimento superior, bem como uma maior distinção ontológica entre o ser social e o mundo da natureza. **O desenvolvimento do trabalho foi a primeira condição para a humanização do homem, ocasionando, posteriormente, a modificação do cérebro, bem como dos órgãos dos sentidos: visão, audição, olfato, paladar e tato** (ARAÚJO E SANTOS, 2011, p. 4, grifos nossos).

Mesmo na sociedade mais primitiva, na forma de sociabilidade mais antiga, o ato de antecipar uma ação idealmente no plano da consciência, do psiquismo humano, somente pode acontecer como resposta do homem aos desafios oferecidos pela natureza (Idem).

É importante pontuarmos com Martins (2012, p. 2 grifos nossos), que:

[...] o psiquismo humano desponta como unidade material e ideal expressa na subjetivação do objetivo. **É material na medida em que é estrutura orgânica e é ideal posto ser o reflexo da realidade, a ideia que a representa subjetivamente**. Todavia, Leontiev deixou claro que não se trata de prescindir da materialidade da imagem (ideia) muito menos contrapor uma à outra (matéria e ideia). **Trata-se, igualmente, de situá-las no mundo material da atividade humana que inaugura uma forma especial de relação entre sujeito e objeto, isto é, uma forma de relação mediada pela consciência**.

Assim sendo, a necessidade de captar o real impõe a possibilidade de se utilizar objetos adequados para algum uso. Esta necessidade supõe as tentativas de

reflexão sobre a realidade cada vez mais precisas e complexas. Tais reflexões geram um certo nível de capacidade de abstração e de generalização das experiências oriundas do intercâmbio orgânico com a natureza – vale dizer, trabalho – , gerando também a necessidade de superar as impressões subjetivas do imediato, isto é, as informações pouco ordenadas do todo caótico. (LUKÁCS, 1982 apud SANTOS e COSTA, 2012)

É de salutar importância destacar que as diferentes formas de reflexo nascem da realidade cotidiana do ser social. Estes reflexos tem de dar respostas aos problemas do ser social, levando em conta – de forma consciente ou não – dos muitos resultados das diversas formas de manifestação da vida cotidiana. Tal processo dialético leva o ser social a níveis superiores de desenvolvimento do seu psiquismo – genuinamente humano.

Nessa perspectiva, Bock (2004, p. 31, grifos nossos) fornece um importante postulado, qual seja:

O homem não nasce, portanto, dotado das aptidões e habilidades históricas da humanidade, pois elas foram conquistadas e criadas. O homem nasce candidato a essa humanidade, humanidade esta que está no mundo material, cristalizada nos objetos, nas palavras e nos fenômenos da vida humana. **Aqui se invertem, por completo, as visões tradicionais da psicologia, que supõem uma humanidade natural do homem. As características humanas e o mundo psicológico que estavam tomados na psicologia como um *a priori* do homem, como algo de sua natureza humana,** surgem agora como aquisições da humanidade e precisam ser resgatadas do mundo material para que o mundo psicológico se desenvolva, se humanize.

Assim o homem desenvolvia seu psiquismo, sob a ação de duas espécies de leis, quais sejam, – em primeiro lugar – as leis biológicas e – em segundo lugar – as leis sócio históricas. Nas leis biológicas temos a adaptação dos órgãos às novas condições e novas necessidades da produção humana. Nas leis sócio históricas temos a regência da própria produção, isto é, o intercâmbio orgânico com a natureza e os fenômenos que dela desdobram-se (LEONTIEV, 2004)

Neste sentido, Leontiev (2004, p. 282, grifos nossos e itálicos do autor), afirma que:

[...] **O homem e a humanidade libertam-se segundo a expressão de Vandel, do “despotismo da hereditariedade” e podem prosseguir seu desenvolvimento num ritmo desconhecido no mundo animal.** E, efetivamente, no decurso das quatro ou cinco dezenas de milênios que nos separam dos primeiros representantes do *Homo sapiens*, as condições históricas e o modo de vida do homem sofreram, em ritmos sempre mais rápidos, mudanças sem precedentes. Todavia, as particularidades

biológicas da espécie não mudaram ou, mais exatamente, as suas modificações não saíram dos limites de variações bastante reduzidas, sem alcance *essencial* nas condições da vida social.

Porém, surge a seguinte pergunta: por meio de qual mecanismo a evolução dos homens se produzia, por meio de qual mecanismo as mudanças sociais se fixavam, sendo que as mudanças sociais não poderiam – jamais – ser transmitidas por herança biológica? Neste sentido, o psicólogo soviético afirma que é pela apropriação do legado historicamente acumulado pelos homens em coletividade que estes dão prosseguimento ao continuar de sua história (LEONTIEV, 2004).

Com efeito, Leontiev (2004, p. 289, grifos nossos e itálicos do autor), sobre a ideia de Oukhtonski que afirma a existência de órgãos fisiológicos/funcionais particulares do sistema nervoso, assevera que tais órgãos são:

[...] órgãos que funcionam da mesma maneira que os órgãos habituais, de morfologia constante, mas **distinguem-se por serem neofomações que aparecessem no decurso do desenvolvimento individual (ontogênico)**. Eles constituem, portanto, o substrato das aptidões e funções específicas que se formam no decurso da apropriação, pelo homem, do mundo dos objetos e fenômenos criados pela humanidade, isto é, da cultura.

Temos, como consequência social da criação da cultura material e intelectual dos homens, que “no decurso da atividade dos homens, as suas aptidões, os seus conhecimentos e o seu saber-fazer cristalizam-se de certa maneira nos seus produtos (materiais, intelectuais, ideais)” (LEONTIEV, 2004, p. 283). Este processo gera uma modificação das ações motoras nos homens produzindo uma modificação qualitativa no desenvolvimento do psiquismo humano, qual seja, a capacidade de reproduzir os traços mais essenciais das características acumuladas no objeto.

Com efeito, Leontiev (2004, p. 288, grifos nossos e itálicos do autor), assevera que:

A principal característica do processo de apropriação ou de “aquisição” que descrevemos é, portanto, criar no homem aptidões novas, funções psíquicas novas, é nisto que se diferencia do processo de aprendizagem dos animais. Enquanto este último é o resultado de uma *adaptação* individual do comportamento genérico a condições de existência complexas e mutantes, a assimilação do homem é um processo de *reprodução*, nas propriedades do indivíduo, das propriedades e aptidões historicamente formadas na espécie humana.

Outrossim, ao se apropriar de um instrumento de trabalho a mão do homem se integra no sistema sócio-historicamente elaborado por operações

incorporadas no instrumento e a mão a ele se subordina. Desta feita, “a apropriação dos instrumentos implica, portanto, uma reorganização dos movimentos naturais instintivos do homem e a formação das faculdades superiores” (LEONTIEV, 2004, p. 287). Operações motoras serão incorporadas no processo de apropriação do instrumento, sendo, portanto, um processo de formação ativa de aptidões novas, de funções superiores que “hominizam a sua esfera motriz” (LEONTIEV, 2004, p. 288).

Assim, a experiência sócio histórica dos homens se acumula sob forma fenomênica no mundo objetivo. Tal mundo é, necessariamente, um mundo que representa a experiência história da natureza genuinamente humana. Com efeito, os homens, para tornarem-se homens que são, devem se apropriar do processo de formação das faculdades específicas do seu gênero.

Assim sendo, Leontiev (2004, p. 285, grifos nossos), explicita que:

Devemos sublinhar que este processo é sempre ativo do ponto de vista do homem. Para se apropriar dos objetos ou dos fenômenos que são o produto do desenvolvimento histórico, **é necessário desenvolver em relação a eles uma atividade que se reproduza**, pela sua forma, **os traços essenciais da atividade encarnada, acumulada no objeto**.

Desta forma, concordamos com Leontiev (1978, p. 273, grifos nossos), quando o autor assim se posiciona no tocante à relação existente entre o desenvolvimento do psiquismo e o complexo social da educação:

Quanto mais progride a humanidade, mais rica é a prática sócio histórica acumulada por ela, mais cresce o papel específico da educação e mais complexa é a sua tarefa. Razão por que toda a etapa nova no desenvolvimento da humanidade, bem como nos diferentes povos, apela forçosamente para uma nova etapa no desenvolvimento da educação: o tempo que a sociedade consagra à educação das gerações aumenta; criam-se estabelecimentos de ensino, a instrução toma formas especializadas, diferencia-se o trabalho do educador do professor; os programas de estudo enriquecem-se, os métodos pedagógicos aperfeiçoam-se, desenvolve-se a ciência pedagógica. Esta relação entre o progresso histórico e o progresso da educação é tão estreita que se pode sem risco de errar julgar o nível geral do desenvolvimento histórico da sociedade pelo nível de desenvolvimento do seu sistema educativo e inversamente.

Como anotam Gonçalves et al (2012), Leontiev assevera que a centralidade do trabalho na formação do homem como ser social evidencia a forma particular de fixação e de transmissão às gerações seguintes das aquisições da evolução permitidas a partir do intercâmbio orgânico com a natureza. Tal fato é empiricamente constatável quando percebemos que, em nossa forma de sociabilidade, as atividades de nossos antepassados e seus conhecimentos

cristalizam-se nos produtos materiais e simbólicos por eles produzidos em épocas remotas.

Por esse prisma, o “aperfeiçoamento progressivo dos instrumentos alia-se à modificação no grau de desenvolvimento histórico nas aptidões motoras do homem” (GONÇALVES et al 2012, p. 72). De igual maneira, é da complexidade fonética das línguas que “derivam modificações na articulação dos sons e os progressos da obra de arte repercutem em desenvolvimento estético” (Idem). Araújo e Santos (2011, p. 7, itálicos dos autores) afirmam que “o ato do trabalho, como insiste Lukács (1966), em sua *Estética*, tem a *prévia-ideação* elaborada antecipadamente na consciência”.

Entendendo que o trabalho é uma atividade de emissão de resposta para uma situação posta pela realidade objetiva e que tal atividade também compreende a produção de instrumentos como resposta às necessidades dos homens, concordamos, mais uma vez, com Lukács, citado por Araújo e Santos (2011, p. 7-8, grifos nossos):

[...] Com efeito, é inegável que **toda atividade laborativa surge como solução de resposta ao carecimento que a provoca**. Todavia, o núcleo da questão se perderia caso se tomasse aqui como pressuposto uma relação imediata. Ao contrário, **o homem torna-se um ser que dá respostas precisamente na medida em que** – paralelamente ao desenvolvimento social e em proporção crescente – **ele generaliza, transformando em perguntas seus próprios carecimentos e suas possibilidades de satisfazê-los**; e quando, em sua resposta ao carecimento que a provoca, funda e enriquece a própria atividade com tais mediações, frequentemente bastante articuladas. De modo que **não apenas a resposta, mas também a pergunta é um produto imediato da consciência que guia a atividade; todavia, isso não anula o fato de que o ato de responder é o elemento ontologicamente primário nesse complexo dinâmico**.

Contudo, esperamos ter sido suficientemente claros quanto à ideia de que o desenvolvimento do psiquismo humano é radicalmente histórico e social e que a centralidade da categoria trabalho goza de superior autonomia em relação aos demais complexos fundados por ela. Tal posicionamento se justifica pelo fato de que foi necessário percorrer este longo percurso para demonstrar ao leitor que a consciência – vale dizer, o desenvolvimento do psiquismo genuinamente humano – sofre influência deveras notável dos demais complexos sociais fundados pelo trabalho e que os homens manifestam/demonstram estas influências nas esferas da cotidianidade e da não cotidianidade – vale dizer, nas esferas do *em-si* e do *para-si*.

2. Nota conclusiva

É da maior importância pontuar que, em Lukács – e, principalmente em Marx – não há nenhuma categoria que não seja rigorosamente histórica. Se isto é verdade, também é igualmente verdadeiro o fato de que nenhuma categoria surge – primeiro – na consciência para tentar moldar o real, isto é, nenhuma das categorias aqui expostas contém pressupostos *gnosio-epistêmicos*, são todas, sem exceção, um reflexo subjetivo da realidade objetiva, uma sistematização dos dados já existentes na realidade.

Estamos, portanto, convencidos de que as premissas que aqui elegemos traduzem, antes de mais nada, uma reprodução ideal das conexões concretas da processualidade do real, isto é, dos processos de entificação do ser social.

Feitas as considerações acima, torna-se necessário afirmar que as teses que defendem uma essência humana imutável, egoísta, mesquinha, fadada à infinita vontade de acumular riqueza, encontrando, portanto, no capitalismo, a única forma de sociabilidade possível e compatível com esta essência, são radicalmente incompatíveis com a processualidade histórica do real, São, em verdade, insustentáveis quando se compreende a história em suas conexões concretas e determinações ontológicas, impossíveis, portanto, de serem verificadas e constatadas empiricamente quando se pretende captar a síntese das múltiplas determinações do movimento do real.

Concluindo, buscamos demonstrar, neste breve estudo, como o psiquismo genuinamente humano torna-se humano, não nasce pronto, tampouco este psiquismo possui estruturas *a priori* que se equilibram e desequilibram como uma interação que tende ao harmônico, pois todas as características do desenvolvimento da substancialidade subjetiva são mediadas por processos de individuação que tem como polos regentes as categorias da singularidade e da totalidade social, sendo, portanto, radicalmente históricas e sociais em qualquer forma de sociabilidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, L. B. de C. Notas sobre a contribuição da categoria trabalho no processo de investigação e exposição. In: JIMENEZ, S.; SOARES, R.; DO CARMO, M.; PORFÍRIO, C. (Organizadores). **Contra o pragmatismo e a favor da filosofia da práxis: Uma coletânea de estudos classistas**. Fortaleza: EDUECE, 2007. p. 97-106.

ARAÚJO, A. C. B.; SANTOS, D. **A arte na estética marxista: Contribuições preliminares ao debate sobre formação humana**. Trabalho publicado no V Encontro Brasileiro de Educação e Marxismo – Marxismo, educação e emancipação humana. 11, 12, 13 e 14 de abril na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC – Florianópolis – SC – Brasil, 2011.

BOCK A. M. B. A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: A adolescência em questão. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 24, n. 62, p. 26-43, abril 2004.

COSTA, G. M. **Serviço Social em debate: Ser social, trabalho, ideologia**. Maceió, EdUFAL, 2011.

DUARTE, Newton. **Vigotski e o “aprender a aprender”**: crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2001.

GONÇALVES, R. M de P.; MORAES, B. M.; JIMENEZ, S.; O trabalho como fundamento onto-histórico do ser social: Lineamentos teóricos de Marx a Leontiev. In: SANTOS, D.; COSTA, F.; JIMENEZ, S. (Organizadores). **Ontologia, estética e crise estrutural do capital**. Campina Grande: EDUFCEG / Fortaleza: EdUECE, 2012.

LEONTIEV, Alexis. O homem e a cultura. In: LEONTIEV, Alexis. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Horizonte, 1978. p. 261-284.

_____. O homem e a cultura. In: LEONTIEV, Alexis. **O desenvolvimento do psiquismo**. Tradução de Rubens Eduardo Faria - 2. ed. Centauro Editora, São Paulo, 2004.

LESSA, S. **A ontologia de Lukács**. Maceió: EdUFAL, 1996.

_____. **O método**. Fortaleza: UFC, 2001. (Mimeografado).

_____. **Mundo dos homens**. São Paulo :Boitempo, 2002.

_____. **Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo.** São Paulo: Cortez, 2007.

_____. **Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo / Sérgio Lessa.** 2. ed. São Paulo : Cortez, 2011b.

_____ & TONET, IVO. **Introdução à filosofia de Marx.** 2. ed. São Paulo, Expressão Popular, 2011a.

LUKÁCS, G. **Ontologia do ser social: os princípios ontológicos fundamentais de Marx.** São Paulo: Liv. Ed. Ciências Humanas, 1979.

_____. As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem. In: **Temas de Ciências Humanas**, número 4. Tradução de Carlos Nelson Coutinho, São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1978.

MARTINS, L. M. **Contribuições da Psicologia Histórico Cultural para a Pedagogia Histórico-Crítica.** Exposição na Mesa Redonda “Marxismo e Educação: Fundamentos da Pedagogia Histórico-Crítica”. VII Colóquio Internacional Marx e Engels, IFCH-UNICAMP, 2012.

_____. **O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar: contribuições à luz da psicologia histórico cultural e da pedagogia histórico-crítica.** Tese apresentada ao concurso público para obtenção de título de Livre-Docente em Psicologia da Educação junto ao Departamento de Psicologia da Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista, campus de Bauru, São Paulo, 2011.

MARX, K. **O método da economia política.** São Paulo: IFCH/UNICAMP, 1997.

_____. **O Capital.** Rio de Janeiro, L. 1, v. 1, 1975.

_____; ENGELS, F. **A Ideologia Alemã.** 2ª ed. São Paulo: Livraria e Editora Ciências Humanas, 1979.

_____. **Manifesto do partido comunista.** 2. ed. São Paulo: Editora Instituto José Luís e Rosa; Sunderman, 2008.

MELO, P. B.; GONÇALVES, R. M. de P.; BESERRA, F. de M. **Transformações no mundo dos homens: um ensaio sobre precarização do trabalho e sofrimento psíquico na crise estrutural do capital.** Trabalho apresentado no 16º encontro Nacional ABRAPSO - Associação Brasileira de Psicologia Social - ocorrido de 12 a 15 de novembro na Universidade Federal de Pernambuco - Campus UFPE: Recife, PE, 2011. Disponível em

http://www.encontro2011.abrapso.org.br/trabalho/view?ID_TRABALHO=1504 acesso em 28 de setembro de 2013 às 14:54.

MORAES, B. M. O estatuto ontológico da obra marxiana: Pensando com Chasin. In: JIMENEZ, S.; SOARES, R.; DO CARMO, M.; PORFÍRIO, C. (Organizadores). **Contra o pragmatismo e a favor da filosofia da práxis: Uma coletânea de estudos classistas**. Fortaleza: EDUECE, 2007, p. 81-96.

_____. **As bases ontológicas da individualidade humana e o processo de individuação na sociabilidade capitalista: Um estudo a partir do Livro Primeiro de O Capital de Karl Marx**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará - FAGED/UFC, Fortaleza, 07 de dezembro de 2007.

_____.; AYRES, N.; TERCEIRO, E.; JIMENEZ, S. A categoria trabalho em Marx e Engels: Uma análise introdutória de sua legalidade onto-histórica. In: **Revista Eletrônica Arma da Crítica** – ISSN 1984-4735 – ano 2. nº 2, Fortaleza, Ceará, Março de 2010.

SANTOS, D.; COSTA, F.; **O Trabalho como princípio da sociabilidade humana: A arte e a educação em debate**. In: In: SANTOS, D.; COSTA, F.; JIMENEZ, S. (Organizadores). **Ontologia, estética e crise estrutural do capital**. Campina Grande: EDUFCG / Fortaleza: EdUECE, 2012.

GONÇALVES, R. M de P.; MORAES, B. M.; JIMENEZ, S.; O trabalho como fundamento onto-histórico do ser social: Lineamentos teóricos de Marx a Leontiev. In: SANTOS, D.; COSTA, F.; JIMENEZ, S. (Organizadores). **Ontologia, estética e crise estrutural do capital**. Campina Grande: EDUFCG / Fortaleza: EdUECE, 2012.

TONET, I. **Sobre o socialismo**. Curitiba – PR: HD Livros editora, 2002.

_____. **Em defesa do futuro** / Ivo Tonet. – Maceió: EdUFAL, 2005.